

Ações Tentativas de Mídia na Controvérsia da Pílula do Câncer¹

Sandra Nunes LEITE²
Aldia Luiza Gomes SAMPAIO³
Amanda Karla Bezerra da SILVA⁴
Fabiana da Silva Santos SOARES⁵
Universidade Federal de Alagoas, Maceió, AL

RESUMO

Os problemas sociais relativos à saúde, já delinearão um espaço de relações e embates discursivos, envolvendo a sociedade, os sistemas de saúde e a justiça. O direito à saúde impulsiona cidadãos brasileiros a rechearem os ambientes de processos judiciais, protestos e movimentos midiáticos, tornando visíveis controvérsias que se travam em setores diversos da sociedade. Pressupõe-se que as atividades dos atores marcam a composição futura de novos arranjos culturais que se estruturam, gerando interações diferenciadas no desenho de prioridades em ações públicas. Com essa perspectiva, o artigo tem por objetivo apresentar uma análise dos materiais de mídia produzidos no caso da “fosfoetanolamina” para compreender seu exercício tentativo de influência sobre as ações de outros atores envolvidos no processo de forma a impulsionar desvios, inércias ou deslocamentos sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Ações midiáticas; Saúde; Deslocamentos sociais; Fosfoetanolamina; Circulação.

¹ Trabalho apresentado no DT 6 – Interfaces Comunicacionais do XVIII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 07 a 09 de julho de 2016

² Professora do Curso de graduação em Relações Públicas/UFAL, coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Comunicação/Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes/UFAL, email: snunesleite@gmail.com

³ Aluna de iniciação científica, participa do grupo de pesquisa “Comunicação e Cidadania” e do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Comunicação/Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes/UFAL Estudante de Graduação 6.º semestre do Curso de Relações Públicas/UFAL, e-mail: aldialuiza@hotmail.com

⁴ Aluna de iniciação científica, participa do grupo de pesquisa “Comunicação e Cidadania” e do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Comunicação/Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes/UFAL Estudante de Graduação 6.º semestre do Curso de Relações Públicas/UFAL Estudante de Graduação 6.º semestre do Curso de Relações Públicas da UFAL, e-mail: amandakarla@hotmail.com

⁵ Aluna de iniciação científica, participa do grupo de pesquisa “Comunicação e Cidadania” e do Núcleo de Estudos e Pesquisa em Comunicação/Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes/UFAL Estudante de Graduação 6.º semestre do Curso de Relações Públicas/UFAL Estudante de Graduação 5.º semestre do Curso de Relações Públicas da UFAL, e-mail: fabiana_3s@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A fosfoetanolamina se tornou amplamente visível para a sociedade a partir justamente das tentativas para impedir a circulação das cápsulas entre aqueles que sofrem com os males do câncer. Essa ação induz uma variedade de deslocamentos e de atores em torno da controvérsia, o que nos inspirou a buscar analisar os impulsos discursivos que passamos a identificar nos embates e que envolvem laboratórios, saúde, parlamento, tribunais.

Considerando, de acordo com Fausto Neto (2013), que esse lugar de embate e de controvérsias é o território da circulação e, como tal, afeta os grupos, seus atores, constituindo transformações ao longo do percurso e conforme os deslocamentos que desenham as suas conexões.

A visibilidade ampla e a tentativa de poder circular encontram nos “processos tecnoenunciativos midiáticos” a possibilidade “para difusão de bandeiras ou manifestação de denúncias” (FAUSTO NETO, 2013, p.55, 56). São essas cenas que buscamos para compreender os fluxos de transformações inerentes às ações comunicacionais. Foram coletados materiais representativos desse processo enunciativo midiático, que datam de 2015 a 2016.

O artigo, então, se concentra em tais processos, sendo movido pela questão: como rastrear, a partir das atividades da mídia (ou na mídia), as pistas deixadas pelos atores no caso da *fosfoetanolamina*, de forma que possamos identificar grupos, ações, conexões?

PONTO DE PARTIDA

A questão que mobiliza o artigo induz a busca pela identificação da cena contextual e a percepção acerca das tentativas do processo. Para identificar a cena contextual e as tentativas do processo, seria essencial perceber o conjunto de entidades e os deslocamentos ocorridos e apreender o processo de forma mais abrangente, mesmo que ocorram desvios e ineficácias. Entre as entidades presentes na cena contextual estão o câncer e a fosfoetanolamina.

Câncer é o nome dado a uma série de doenças que têm em comum o crescimento e divisão desordenada e maligna de células que invadem e destroem tecidos do corpo de animais, formando tumores que são o acúmulo de células cancerosas e pode acontecer em

diversas partes do corpo. De acordo com o Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA), mais de 12 milhões de pessoas no mundo são diagnosticadas todo ano com câncer. Destas, cerca de 8 milhões morrem.

Mais de 100 tipos de câncer já foram identificados até o momento. Alguns desses são curáveis, quando descobertos precocemente, mas a maioria das pessoas que sofrem com a doença já a descobrem tardiamente. O inca estima que “se medidas efetivas não forem tomadas, haverá 26 milhões de casos novos e 17 milhões de mortes por ano no mundo em 2030, sendo que 2/3 das vítimas vivem nos países em desenvolvimento”.

Cerca de 10% dos casos de câncer são hereditários. A grande maioria dos diagnósticos, dessa forma, tem relação direta com fatores ambientais e hábitos de vida, como tabagismo, consumo excessivo de álcool, sedentarismo, alimentação inadequada e exposição exagerada ao sol ou a alguns micro-organismos. Ao longo dos anos, as pesquisas na área oncológica apresentaram avanços consideráveis. O desenvolvimento de novos medicamentos, tecnologias e o melhor entendimento dos tumores aumentaram as chances de sucesso no tratamento, com as mais altas taxas associadas à detecção precoce. (A.C.CAMARGO CANCER CENTER, 2016)

No início da década de 1990, os pesquisadores Gilberto Chierice e Salvador Claro Neto do Campus São Carlos da Universidade de São Paulos (USP), desenvolveram sinteticamente cápsulas com uma substância que está presente no nosso corpo, a chamada *fosfoetanolamina*.

Tal substância é fabricada naturalmente pelo organismo e tem função de sintetizar membranas celulares e transportar gordura. Após alguns testes com animais, os pesquisadores, através de uma parceria com o Hospital Amaral Carvalho (Jaú/SP) passou a fornecer as pílulas para a realização de testes clínicos em alguns pacientes em tratamento contra o câncer, os resultados foram positivos.

Segundo relatos observados nas entrevistas concedidas por usuários da cápsula (nos materiais analisados), houve uma considerável melhora na saúde dos que utilizaram regularmente as pílulas com relação àqueles que não a utilizaram. Essa notícia sobre a “pílula do câncer” se espalhou rapidamente e em pouco tempo as ligações e idas até o laboratório da USP em busca do “milagre” que combatia ao câncer se tornaram incontáveis. A fosfoetanolamina passou a ser entregue de forma gratuita no próprio campus da Universidade a todos que comprovassem estar com a doença.

Em 2014, uma portaria do Instituto de Química de São Carlos (IQSC) determinou que as substâncias experimentais deveriam ter todos os registros necessários antes que fossem disponibilizadas à população. Com isso, as cápsulas, que não têm a licença da

Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Anvisa⁶, passaram a ser distribuídas somente mediante decisão judicial. Pacientes com câncer obtiveram liminares determinando a entrega, porém uma decisão do Tribunal de Justiça de São Paulo passou a suspender as autorizações.

De acordo com notícias veiculadas em portais como o G1⁷, a universidade afirma que não tem capacidade para produzir a substância em larga escala e reforça que a regulamentação é necessária. Esta também é a opinião exposta pela Sociedade Brasileira de Oncologia Clínica que diz não ser contra pesquisas, mas aponta que, antes de novas substâncias serem oferecidas como medicamentos, devem passar por estudos amplos que comprovem seus benefícios e a eficácia diante do tratamento que já é oferecido.

Mesmo com baixo custo de produção - os pesquisadores afirmam que o valor de produção de cada cápsula custa em torno de R\$ 0,10 - e diversos testemunhos de pacientes que foram curados ou obtiveram uma grande melhora após o uso da substância, a fosfosetanolamina ainda não foi autorizada a entrar em circulação para distribuição no mercado farmacêutico.

A Anvisa afirma que, para que a regulamentação seja expedida e as cápsulas sejam consideradas remédios e, conseqüentemente, possam ser prescritas por médicos, é necessário a realização de uma série de testes específicos que comprovem os seus efeitos.

Em entrevista a jornais e programas de televisão, os cientistas que desenvolveram a cápsula alegam que há uma má vontade por parte da Anvisa em fornecer a documentação e os meios necessários para a regulamentação. Afirmam ainda que pelo fato de não serem médicos, mas sim químicos, não lhes é reconhecido o direito de realizar as pesquisas e elaborar diagnósticos que são próprios da medicina.

Além disso, os pesquisadores ressaltam seu interesse em doar a patente adquirida pelo processo de síntese da substância para aqueles que tivessem interesse na produção desde que as cápsulas pudessem ser fornecidas de forma gratuita ou a um custo mínimo para os pacientes, o que, segundo eles, é algo que não gera interesse para a indústria farmacêutica que visa o lucro.

⁶ Órgão público responsável, no Brasil, pela regulamentação de medicamentos.

⁷ <http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2015/08/pacientes-pedem-na-justica-que-usp-fornece-capsula-de-combate-ao-cancer.html>. Acesso realizado em 05 de abril de 2016.

É nesse cenário que buscamos compreender a comunicação a partir dos dispositivos interacionais. Para Braga (2011, p.5) esses dispositivos correspondem a matrizes interacionais às quais recorre “cada episódio comunicacional, na sua prática de fenômeno em ação” a fim de “fazer avançar a interação”. Esse movimento determina, assim, que a interação foi realizada. A ação – ou o conjunto de ações – que impulsiona o deslocamento é compreendida por tentativas dos participantes e, especialmente, por tentativas do processo.

Os modos nessa controvérsia para tornar visíveis certas atividades podem, então, ser entendidos como tentativas de determinado participante da cena da ação. Quando percebemos o sistema de relações, povoamos esta cena por diversas outras ações advindas de diferentes grupamentos sociais. Tais grupamentos, por sua vez, são mobilizados a agirem e a se deslocarem na cena, provocando movimentos daquele participante, o que nos indica as tentativas não só dos diversos grupos, mas também do processo.

[...] as interações dão ao cientista a nítida impressão de que se multiplicam por todos os lados. [...] Isso não significa que um contexto amplo e sólido as retenha firmemente por intermédio de uma força estrutural oculta. Quer dizer que um número fabuloso de participantes atua ao mesmo tempo nelas, deslocando suas fronteiras de todos os modos possíveis, redistribuindo-as e tornando impossível começar no que possa ser chamado de “local”. (LATOIR. 2012, p. 292)

Chega-se a um entendimento de que assim “navegamos”, conforme Latour (2012), num “espaço achatado”, de forma que nos seja possível “focalizar melhor aquilo que circula” e, desta forma, ver reveladas ao nosso olhar muitas outras entidades e seus deslocamentos.

A MUDIATIZAÇÃO DA FOSFOETANOLAMINA: AS PÍLULAS DO CÂNCER

Para que fosse perseguida a tarefa de focalizar melhor o que circula na teia da polêmica que envolve a fosfoetanolamina (entidade laboratorial) ou a pílula do câncer (entidade social/discursiva), foi realizada uma pesquisa de forma exploratória, com o objetivo de analisar como ocorria, e ainda ocorre, os movimentos na cena de interações, tendo como fonte os materiais midiáticos sobre a substância nas emissoras legislativas (TV Senado, TV Câmara) e seus respectivos sítios eletrônicos, incluindo o portal eletrônico da Anvisa, assim como os portais da rede privada de notícias, mais especificamente o G1, buscando as ações, induções e tentativas dos participantes e do processo mais amplo.

Tal opção se deve à apreensão de que os processos midiáticos, diante de determinadas barreiras que atravancam a circulação, têm sido acionados para assim desencadear a retomada dos fluxos pretendidos.

A relação entre a mídia e a saúde tem sido intensa e multifacetada. De um lado, mais conflituoso, como espaço de disseminação de discursos que na opinião de muitos antagonizam com os das instituições de saúde pública. De outro, como única possibilidade de comunicação mais abrangente e rápida, sendo espaço de circulação de muitas mensagens produzidas pela saúde (sobretudo campanhas). De um terceiro, como lugar de embates pelo poder simbólico, ou de estratégia nesse mesmo embate, que se origina e se desdobra em outros espaços. (ARAÚJO; CARDOSO. 2007, p.99).

Por essa perspectiva, realizaram-se buscas e coleta de reportagens e de matérias jornalísticas envolvendo a fosfoetanolamina produzidas e publicadas nos materiais já mencionados. Foi percebida a publicação de uma grande quantidade de material sobre o assunto entre os meses de agosto de 2015 a maio de 2016. A partir daí as pesquisadoras chegaram à conclusão de que esses seriam períodos interessantes para concentrar a busca por notícias para a realização da análise das publicações.

Tendo em consideração a pesquisa feita acerca da repercussão na mídia legislativa sobre as chamadas “pílulas do câncer” é concluído que nas matérias apresentadas esses meios de comunicação se mostravam imparciais sobre o debate ocorrido, sempre levando em conta as duas opiniões sobressalientes entre os deputados e senadores.

De um lado era incabível não autorizar a produção e uso da fosfoetanolamina, visto que os médicos e pacientes, que tiveram acesso à substância, notaram melhoras significativas após o uso da pílula; de outro lado a liberação da substância era precipitada, já que nunca passou por testes conclusivos que comprovassem sua eficácia no tratamento contra o câncer, com isso, a fosfoetanolamina, não conseguiu o registro da Anvisa, levando também em consideração os argumentos da USP (onde a fosfoetanolamina é pesquisada).

Podemos exemplificar essa situação com a matéria feita pela redação do site Câmara dos Deputados, intitulada “*Lei sobre uso da ‘pílula do câncer’ divide opiniões na Câmara*” o texto traz um breve esclarecimento da Lei nº 13.269/16, aprovada em 22 de março de 2016, além de questionamentos e opiniões dos parlamentares.

A deputada Leandre (PV-PR) se mostra contrária e cobra pareceres técnicos: “Eu acredito que a parte da eficiência, da eficácia, a gente tem de falar a partir do momento em que forem realizados testes clínicos, pois é nesse momento em que poderemos testar a fosfoetanolamina no organismo das pessoas. Os cientistas que a desenvolveram frisaram

sempre que é o mecanismo de ação que ela provoca no organismo que tem o resultado esperado, portanto não há como fazer uma avaliação antes desses testes".

Outro parlamentar que demonstra sua opinião na matéria é o deputado e médico, Mandetta (DEM-MS): "Não se pode liberar uma substância sem saber o efeito colateral. Não se pode liberar uma substância sem saber qual é a dosagem para uma criança, para uma idosa, para uma mulher. Não se pode liberar uma substância sem saber para qual tipo de câncer ela eventualmente estaria indicada".

Mesmo tendo sido aprovada, a Lei nº 13.269/16 apenas autoriza o uso da substância em pacientes diagnosticados com "neoplastia maligna (câncer)" através de um "laudo médico que comprove o diagnóstico" e "assinatura de termo de consentimento e responsabilidade pelo paciente ou seu representante legal". Para finalizar, essa matéria deixa clara, como a maioria das matérias pesquisadas, de que a fosfoetanolamina não possui registro sanitário.

Ao analisar o material publicado no site do G1 foi perceptível que em algumas matérias do período inicial analisado (agosto de 2015) o discurso é imparcial, apresenta diversos lados da história, inclusive deixa em evidência a fala de um dos pesquisadores que desenvolveu a pílula, onde ele fala dos benefícios de sua pesquisa e de sua opinião a respeito das dificuldades impostas pela Anvisa. Além do processo de capitalização da saúde, "câncer não é para ganhar dinheiro, chega de o câncer enriquecer pessoas, hospitais", defendeu Salvador Claro Neto, pesquisador da USP⁸. Demonstra também o embate entre os desenvolvedores da pílula e algumas instituições como a Anvisa e a Fiocruz no processo de legalização da pílula e a respeito da possibilidade de produção em larga escala das cápsulas.

Em algumas das matérias também é posto em destaque a luta da população que sofre com o câncer e seus familiares para conseguir ter acesso a essas cápsulas através de liminares judiciais. Também estão presentes em algumas publicações, relatos de pacientes que utilizaram as cápsulas e obtiveram ótimos resultados ou até mesmo que afirmam ter se curado de um câncer por causa da substância.

A partir das matérias publicadas em setembro de 2015 é possível perceber uma mudança no discurso apresentado, as mensagens de que "não é seguro utilizar a cápsula" e que "houve negligência por parte do pesquisador ao não realizar os testes necessários antes da distribuição das pílulas" estão implícitas em algumas publicações. Além disso, os textos enfatizam o discurso de médicos e de algumas instituições, como a USP, a Anvisa e a

⁸ Disponível em <http://g1.globo.com/sp/sao-carlos-regiao/noticia/2015/08/pacientes-pedem-na-justica-que-usp-forneca-capsula-de-combate-ao-cancer.html>

Sociedade Brasileira de Oncologia, de que a substância não foi devidamente testada, e que por isso não é recomendado utilizar as cápsulas por causa da falta de testes comprobatórios sobre sua segurança e eficácia. A reportagem exibida pelo programa Fantástico em 18 de outubro de 2015⁹ é um exemplo desse discurso, onde o médico Drauzio Varella fala explicitamente que não é recomendado o uso da fosfoetanolamina.

Considerando as interações que os materiais evidenciam, pode-se conceber que os movimentos discursivos revelam transformações seja pelo posicionamento de determinados atores na teia da controvérsia, seja por conexões que marcam os trajetos de suas ações. Entre esses percursos, estão aquelas ações que trafegam pelo sistema de justiça e ganham outros impulsos na sociedade.

A JUDICIALIZAÇÃO DA FOSFOETANOLAMINA

O sistema de justiça brasileiro viu crescer nos últimos tempos a demanda de processos cujos autores reivindicam o direito de uso de medicamentos, entre outras razões que afetam o tratamento de doenças. O povoamento de pedidos de liminares demonstra a diversidade de atores que buscam obter acesso às terapias para os males de que sofrem.

A fosfoetanolamina também fez crescer o enxame de processos que encheram de inquietações, não só o sistema de justiça, mas também instâncias públicas, como o Senado Federal, a Câmara de Deputados, o Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação, a Agência de Vigilância Sanitária. Também mobilizou sociedades profissionais, hospitais, centros de pesquisa e universidade.

Pode-se dizer que a intensidade desses movimentos em torno da fosfoetanolamina, como disponibilidade de uma “esperança” para o tratamento de câncer, ficou evidente no momento de um ato de proibição. Este ato impedia a circulação das cápsulas por ser revelada a ausência de cumprimento do caminho que deveria ser trilhado para que ela se constituísse em medicamento.

Tal proibição foi acompanhada de manifestações por “processos tecnoenunciativos midáticos” – redes digitais e aplicativos de mensagens – que convocavam pessoas a ingressarem com suas petições junto aos tribunais de justiça para que o fornecimento das cápsulas fosse restabelecido. Pesquisador/professor e laboratório/universidade não

⁹ Disponível em <http://g1.globo.com/fantastico/noticia/2015/10/drauzio-varella-alerta-sobre-capsulas-distribuidas-como-cura-do-cancer.html>

compunham mais o mesmo grupo, dada a existência da controvérsia que reunia em torno dela um conjunto de grupos e atores defensores, opositores ou juízes.

A jornada da “fosfo” na justiça e os caminhos dela no laboratório não coincidem no ponto de partida. Nestes últimos, registram-se pistas a partir do início dos anos 1990, sendo sintetizada em 1992, avaliada em não-humanos em 2005 e, a partir, daí, utilizada em humanos. A jornada na justiça (em consonância com a visibilidade mais ampla na sociedade) se evidencia a partir de 2014, com decisões que transitam entre concessão e suspensão de liminares, recursos e instâncias, passando por sanção e revogação de lei.

As ações que antecederam a sanção da lei culminaram com a realização de audiências públicas no parlamento brasileiro, envolvendo trabalhos conjuntos das comissões de Assuntos Sociais (CAS); de Ciência, Tecnologia, Inovação, Comunicação e Informática (CCT); e de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH). As discussões ocorreram tanto no Senado Federal quanto na Câmara dos Deputados.

As alegações variadas sobre as cápsulas mobilizaram idas e vindas nos Tribunais. O clamor social induz “entidades” a ações que pudessem resolver a polêmica que atravessam os sistemas judiciais e ganham os espaços públicos de debates mais amplos.

O Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação constituiu uma página específica em seu portal destinada à fosfoetanolamina, onde noticia os passos que podem encaminhá-la para a legalização. Outros entes se apresentam à cena, revelando deslocamentos e induzindo outros a agirem, por seus enunciados nesse processo comunicacional.

Conforme refletido por Braga, já não se trata da questão bipolar (emissão/recepção), restrita à relação no instante do ato singular do processo comunicacional, mas no conjunto de ações que a partir daí se desenvolvem (“fluxo adiante”). Sendo assim, é possível perceber, como Latour (2012), que o ator não age só, nunca está sozinho e, por isso, não é a origem da ação, mas participa de um curso de ações possibilitadas, autorizadas, sugeridas, interrompidas, proibidas (etc) por diferentes agentes, gerando traços nesse movimento (“conexões sociais”), e, portanto, delineando a circulação.

As evidências de deslocamentos na controvérsia da fosfoetanolamina nos permitem concordar com a afirmação de Latour (2012, p.75) de que o ator “*não é a fonte de um ato e sim o alvo móvel de um amplo conjunto de entidades que enxameiam em sua direção*”. Nesse sentido, quem seria aquele que age? Onde estaria o ponto de partida no fluxo?

Para Latour (2012, p. 74), essa “ação [social] *deve permanecer como surpresa, mediação, acontecimento*” e, portanto, como algo possível de ser assumido por atores os quais podem leva-la em frente, num fluxo contínuo (como afirma Braga), observando-se os circuitos múltiplos “*encontrados na prática social*”.

Se entendermos que cada ator é, na verdade, um ponto de atração e que não apenas transporta os sentidos, mas interage nessas conexões, tem-se, então, um conjunto de ações as quais se constituem nas mediações. Poderíamos dizer, portanto, que a comunicação é esse fenômeno de circulação de sentidos por ações dos grupamentos, compreendendo transformações ao longo de uma cadeia de interações.

CONSIDERAÇÕES: DESLOCAMENTOS NA CONTROVÉRSIA

Pode-se compreender que os processos comunicacionais mobilizam deslocamentos dos atores participantes da cena da ação e que, desta forma, evidenciam-se tentativas no processo (BRAGA, 2011) de “induzir alguém a fazer alguma coisa” (LATOURE, 2012, p.92).

Os processos comunicacionais - a que queremos apreender como fenômeno em ação - requisitam um olhar abrangente que considere as conexões marcadas por entidades participantes da cena interacional que provoca. Tais conexões dizem respeito aos traços deixados pelos deslocamentos, o que, em nossas observações acerca dos modos de interação observados no caso “pílula do câncer”/“fosfoetanolamina”, nos remete à percepção dos “diferentes mundos que os atores elaboram uns para os outros” (BRAGA, 2011). Nessa elaboração, os participantes no processo agem e podem levar outros à ação, o que não quer dizer que esse seja sempre o resultado alcançado, revelando, por vezes, aparentes desvios e ineficácias.

Compreender a cena das ações/interações que marcam a controvérsia impulsionada pela relação laboratório científico/universidade com diversos grupamentos sociais, a partir de “um lugar de observação” - definido como “*dispositivos interacionais*” (BRAGA, 2011) - requisitou a identificação de atores que nos possibilitaram a descrição e a análise dos deslocamentos comunicacionais que encadearam tal sistema de relações. A partir desse olhar passamos a “determinar o que age e de que maneira age” (LATOURE, 2012, p. 94).

Buscamos, então, perceber os modos empreendidos pela “fosfoetanolamina” (Universidade) nos momentos em que buscava percorrer, conceitualmente, os grupamentos sociais, de forma a tentar seguir cada deslocamento revelado por suas ações para o processo comunicacional.

Entendemos que a cena de interações não deixa de existir e que é preciso capturar aquilo que foi desenhado pelas ações de cada participante, constituindo-se num espaço “achatado” de relações. Ao perceber dessa forma, abandonamos a ideia de tomarmos como “critérios únicos de sucesso a obtenção da sintonia ou a apropriação ativa do receptor” (BRAGA, 2011) para que não sejam sobre enfatizados os dois polos, quer sejam *emissor-receptor*, quer sejam *causa-efeito*.

Latour (2001), ao referir-se à tradição filosófica, diz ter estado ela enganada quando a mesma buscou designar o fenômeno como ponto de encontro entre as “coisas em si” e as “categorias do entendimento humano”, o que ele chama de modelo bipolar. E segue afirmando que os fenômenos ganham e perdem propriedades nas etapas ao longo da cadeia de transformação, ou seja, eles são aquilo que circula nessa cadeia reversível. Sendo assim, a circulação não se realizasse no ponto de encontro da informação produzida (coisa em si) com a recepção (entendimento humano), mas na conexão que transporta transformações.

As cenas, dessa forma, se constituem por pontos os quais agem plenamente, nunca sozinhos e, por se moldarem como fluxo social contínuo, difíceis de serem caracterizados como ponto de partida da ação, mas compondo o espaço da circulação.

Este espaço é povoado por mediadores e, como tais, estes não se constituem em protegidos (livres de transformações) transportadores de significados ou forças, ou seja, meros intermediários. Como mediadores, eles não são causa, uma vez que “transformam, traduzem, distorcem e modificam significados ou elementos que supostamente veiculam” (LATOURE, 2012). Por isso, induzem ações de outros com os quais compõem o contexto interacional marcado por trajetos e encruzilhadas, desvios e ineficácias.

Ao referenciarmos a relação (laboratório científico/sociedade) que “construiu” e fez circular a “fosfo”, buscamos considerar não os lugares que esses elementos sugeriam (local/global), mas seus participantes e o conjunto de ações que realizaram para, assim, compreendermos os processos comunicacionais a partir dos dispositivos interacionais.

Para Braga (2011), esses dispositivos correspondem a matrizes interacionais às quais recorre “cada episódio comunicacional, na sua prática de fenômeno em ação” a fim de

“fazer avançar a interação”. Esse movimento determina, assim, que a interação foi realizada. A ação – ou o conjunto de ações – que impulsiona o deslocamento é compreendida por tentativas dos participantes e, especialmente, por tentativas do processo.

Os movimentos da sociedade para tornar visíveis as controvérsias impulsionadas pela atividade científica resultando na possibilidade de cura/saúde, podem, então, ser entendidos como tentativas de determinados participantes. Quando percebemos o sistema de relações, povoamos esta cena por diversas outras ações advindas de diferentes grupamentos sociais.

Tais grupamentos, por sua vez, são mobilizados a agirem e a se deslocarem na cena, provocando movimentos da “fosfo”/universidade, o que nos indica as tentativas não só dos diversos grupos, mas também do processo. Chega-se a um entendimento de que assim navegamos “nesse espaço achatado” com o qual “passamos a focalizar melhor aquilo que circula, conseguindo perceber muitas outras entidades cujo deslocamento mal era visto antes” (LATOURET. 2012, p. 295).

Para identificar a cena contextual e as tentativas do processo, seria essencial perceber outras entidades e os deslocamentos, ter “uma apreensão mais abrangente do processo, mesmo em seus desvios, ineficácias” (BRAGA, 2011), a fim de que pudéssemos compreender quais dispositivos são acionados. Ao final, o que parece ser ineficácia nos revela um outro contexto processual onde se assinala a presença de outros agentes que se juntam àqueles que já havíamos percebidos nos início e que tentam, de alguma forma, provocar uma cadeia de interações.

Braga (2011) nos diz que “o contexto processual organiza as tentativas diversificadas, diz o tipo de coisa que ser tentada, desenvolve tentativas sociais”. Isso nos sugere a presença de diferentes feixes de ações que partem dos participantes ao mesmo tempo em que estes são atingidos por outros e especialmente pelo contexto interacional. Sendo assim,

[...] as interações dão ao cientista a nítida impressão de que se multiplicam por todos os lados. [...] Isso não significa que um contexto amplo e sólido as retenha firmemente por intermédio de uma força estrutural oculta. Quer dizer que um número fabuloso de participantes atua ao mesmo tempo nelas, deslocando suas fronteiras de todos os modos possíveis, redistribuindo-as e tornando impossível começar no que possa ser chamado de “local”. (LATOURET. 2012, p. 292)

Podemos dizer que a disposição do laboratório em pretender alcançar resultados positivos da sua descoberta e atividades, aliada à necessidade da visibilidade imposta pela controvérsia em torno das cápsulas do câncer, delineiam itinerários que antecedem a tentativa de percurso. Tais itinerários, a que chamamos de ação, alcançam a “fosfo”/o laboratório que enchem sua atuação de elementos gerados por outras mediações e vindos de outros lugares que acabam por afetar o contexto interacional referido.

Uma vez que a ação deva ser “*encarada como um nó, uma ligadura, um conglomerado de muitos e surpreendentes conjuntos de funções*”, percebemos que o que liga esses lugares, os participantes e seus modos tentativos de “*viabilizar interações*”, seus movimentos e deslocamentos que desenham o lugar ou o contexto são as conexões.

REFERÊNCIAS

A.C. CAMARGO Câncer Center. **Tudo sobre o Câncer**. São Paulo. 2016. Disponível em <<<http://www.accamargo.org.br/tudo-sobre-o-cancer>>> Acesso: 15 mai. 2016.

ARAÚJO, Inesita Soares; CARDOSO, Janine Miranda. **Comunicação e Saúde**. Rio de Janeiro, RJ: Editora FIOCRUZ, 2007. p.99.

BRAGA, José Luiz. Comunicação é aquilo que transforma linguagens. Revista Alceu. v.10 – n.20. 2010. p. 41-54.

_____. **Dispositivos Interacionais**. (apresentado no GT Epistemologia da Comunicação, 2011).

FAUSTO NETO, Antônio. **Como as Linguagens Afetam e são Afetadas na Circulação**. In: BRAGA, José Luiz et al (orgs.). 10 Perguntas para a Produção de Conhecimento em Comunicação. São Leopoldo, RS: Editora Unisinos, 2013. p. 43-64.

INSTITUTO Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva. **Números**. Rio de Janeiro. 2016. Disponível em <<<http://www.inca.gov.br/wcm/dmdc/2015/numeros.asp>>> Acesso: 15 mai. 2016.

LATOUR, Bruno. **A esperança de Pandora: ensaios sobre a realidade dos estudos científicos**. Bauru/SP: EDUSC, 2001.

_____. **Reagregando o social: uma introdução à teoria do Ator-Rede**. Salvador: EDUFBA, 2012; Bauru, São Paulo: EDUSC, 2012.